



Evento	Salão UFRGS 2018: SIC - XXX SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2018
Local	Campus do Vale - UFRGS
Título	EFEITOS DA OCUPAÇÃO HUMANA NAS MARGENS DE LAGOAS COSTEIRAS SOBRE COMUNIDADES DE PEIXES
Autor	LARA BRASIL DE SOUZA
Orientador	SANDRA MARIA HARTZ

EFEITOS DA OCUPAÇÃO HUMANA NAS MARGENS DE LAGOAS COSTEIRAS SOBRE COMUNIDADES DE PEIXES

Lara Brasil de Souza¹ e Sandra Maria Hartz¹

¹Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Lagoas costeiras abrigam peixes de água doce, diádromas e estuarinas, contendo uma grande diversidade. No entanto, por estarem em regiões litorâneas, que tendem a ter uma densidade populacional humana elevada, acabam sofrendo forte pressão por causa de atividades antrópicas. As atividades antrópicas podem afetar a comunidade de peixes reduzindo a diversidade taxonômica, alterando a estrutura trófica da comunidade e reduzindo o tamanho médio das espécies que compõem a comunidade. Assim sendo faz-se necessário começar a compreender o tipo de impacto que estas atividades têm nestes ecossistemas. Este trabalho possui como objetivo investigar os efeitos da ocupação humana nas margens lagoas costeiras sobre o tamanho de peixes. Foram analisadas 134 lagoas costeiras da costa atlântica da América do Sul, distribuídas entre as latitudes 0° e 50° S. Compilaram-se informações de presença de espécies de peixes por meio de consultas a publicações, coleções científicas e coletas realizadas pelo laboratório de Ecologia de Populações e Comunidades da UFRGS. O nível de antropização foi observado com quatro variáveis: luz noturna (utilizada como proxy de urbanização), obtida por meio de SIG num buffer 10km ao redor de cada lagoa; presença do uso recreativo da lagoa (decks, marinas e praias) e de rodovias nas margens, de imagens do GoogleEarth; e, presença de espécies exóticas obtidas junto com os registros de espécies nativas. O tamanho dos peixes foi obtido na plataforma FishBase ou artigos científicos. O tamanho das espécies foi avaliado pelo coeficiente de variação do tamanho (CVT) dos peixes presentes em cada lagoa, considerando todas as espécies nativas e quantificado separadamente para as espécies marinhas/diádromas e para as de água doce. Optou-se pelo CVT para minimizar o efeito que o pool de espécies regionais pode exercer sobre o tamanho médio da comunidade. As influências das variáveis antrópicas sobre o coeficiente de variação do tamanho dos peixes foram verificadas por meio de correlações e regressões simples. Identificaram-se 164 espécies de peixes de água doce e 123 marinhas. O CVT variou entre 0,167 e 1,96 para as espécies de água doce, entre 0,12 e 1,17 para as marinhas e entre 0,17 e 1,96 quando considerada toda a comunidade de peixes das lagoas. Em 75 lagoas observa-se a presença de espécies exóticas, em 62 há rodovias próximas à margem da lagoa e em 75 lagoas há evidências de alteração da estrutura de margem para uso de atividades recreativas. A intensidade de luz noturna média variou entre 0,22 e 41,81. Até o presente momento, o CVT dos peixes não apresentou relação com as variáveis antrópicas. Influências antrópicas sobre a heterogeneidade de margens são difíceis de mensurar pois seus efeitos são cumulativos e muitas vezes não detectáveis visualmente. Análises químicas/físicas da qualidade da água são tradicionalmente medidas para avaliar a grau de antropização de um corpo d'água. No entanto, estas variáveis estão disponíveis para um número restrito de lagoas consideradas neste estudo e, para a maioria destas, são medidas em diferentes períodos e diferentes locais da coleta da ictiofauna. Apesar de utilizar o CVT, algumas regiões possuem padrões diferentes de variação do CVT e isso pode estar mascarando a relação com as variáveis de antropização. As 134 lagoas estão distribuídas em uma ampla escala geográfica, apresentando uma comunidade de peixes diversificada. O próximo passo do trabalho será avaliar a relação entre CVT e fatores de pressão numa escala mais regional considerando as ecorregiões aquáticas de água doce (FEOW). Entender como fatores antrópicos influenciam sobre a diversidade de tamanhos da comunidade é importante para detectar a vulnerabilidade da comunidade frente às mudanças ambientais, e assim, possibilitar práticas de manejo que visem conservar a biodiversidade das lagoas costeiras.